



SOJICULTURA EM PEQUENA ESCALA: UMA ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR?

SMALL-SCALE SOYBEAN FARMING: A STRATEGY FOR SOCIAL REPRODUCTION OF FAMILY FARMING?

CULTIVO DE SOJA A PEQUEÑA ESCALA: ¿UNA ESTRATEGIA PARA LA REPRODUCCIÓN SOCIAL DE LA AGRICULTURA FAMILIAR?

Vanderlei Franck Thies¹
Valdemar João Wesz Junior²

RESUMO

No Brasil, a produção de soja tem se expandido rapidamente, estando cada vez mais concentrada nos médios e grandes produtores rurais. Na agricultura familiar, este cultivo tem sido marcado, por um lado, por movimentos de profissionalização e especialização produtiva e, por outro, por dinâmicas de exclusão e saída da atividade. Apesar dessas duas trajetórias predominantes, esta pesquisa coloca atenção em contextos em que a soja assume outros caminhos dentro da agricultura familiar. Assim sendo, o objetivo deste estudo é analisar as dinâmicas e os distintos papéis da produção de soja nas estratégias de reprodução social dos agricultores familiares, olhando de maneira específica para os pequenos sojicultores que, ao longo do tempo, permanecem cultivando o grão em áreas inferiores a dez hectares. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e análise de dados secundários, além de pesquisa de campo em Salvador das Missões (RS) em 2003 e 2018, onde foram selecionadas sete famílias de agricultores que continuaram no cultivo da soja em pequena escala durante os dois períodos analisados. Os resultados mostram que, entre as famílias estudadas, a produção de soja tem se mantido presente como parte de um mosaico de múltiplas e interconectadas atividades e fontes de renda. Nestes casos, a soja não promoveu necessariamente um processo de especialização ou de descampanização, sendo parte de um conjunto amplo de diferentes estratégias de reprodução social dos agricultores familiares.

Palavras-chave: agricultura familiar; especialização produtiva; soja; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

In Brazil, soybean production has been rapidly expanding, increasingly concentrated among medium and large rural producers. In family farming, this cultivation has been marked, on one hand, by movements towards professionalization and productive specialization, or on the other hand, by dynamics of exclusion and exit from the activity. Despite these two predominant

¹Doutor. Professor na Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: vanderlei.thies@ufsm.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0647-1906>.

²Doutor. Professor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu. Paraná. Brasil. E-mail: valdemar.junior@unila.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8154-7088>.

trajectories, this research focuses on contexts where soybeans take different paths within family farming. Thus, the objective of this study is to analyze the dynamics and distinct roles of soybean production in the social reproduction strategies of family farmers, specifically looking at small-scale soybean growers who have continued cultivating soybeans on areas smaller than ten hectares over time. For this purpose, bibliographic research and secondary data analysis were conducted, in addition to field research in Salvador das Missões (RS) in 2003 and 2018, where seven farming families were selected for continuing small-scale soybean cultivation during both periods analyzed. The results show that among the families studied, soybean production has remained present as part of a mosaic of multiple and interconnected activities and income sources. In these cases, soybeans did not necessarily promote a process of specialization or depeasantization, being part of a broader set of different social reproduction strategies for family farmers.

Keywords: family farming; productive specialization; soybeans; Rio Grande do Sul.

RESUMEN

En Brasil, la producción de soja se ha expandido rápidamente, concentrándose cada vez más entre los productores rurales medianos y grandes. En la agricultura familiar, este cultivo ha estado marcado, por un lado, por movimientos de profesionalización y especialización productiva o, por el otro, por dinámicas de exclusión y salida de la actividad. A pesar de estas dos trayectorias predominantes, esta investigación se centra en contextos en los que la soja toma otros caminos dentro de la agricultura familiar. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es analizar la dinámica y los diferentes roles de la producción de soja en las estrategias de reproducción social de los agricultores familiares, mirando específicamente a los pequeños productores de soja, quienes a lo largo del tiempo continúan cultivando el grano en áreas menores a diez hectáreas. Para ello, se realizaron investigaciones bibliográficas y análisis de datos secundarios, además de investigaciones de campo en Salvador das Missões (RS) en 2003 y 2018, donde se localizaron siete familias de agricultores que continuaron cultivando soja en pequeña escala durante los dos períodos seleccionados. Los resultados muestran que, entre las familias estudiadas, la producción de soja se ha mantenido presente como parte de un mosaico de actividades y fuentes de ingresos múltiples e interconectadas. En estos casos, la soja no necesariamente promovió un proceso de especialización o descampenización, siendo parte de un amplio conjunto de diferentes estrategias de reproducción social de los agricultores familiares.

Palabras clave: agricultura familiar; especialización productiva; soja; Río Grande del Sur.

Como citar este artigo: THIES, Vanderlei Franck; WESZ JUNIOR, Valdemar João. Sojicultura em pequena escala: uma estratégia de reprodução social da agricultura familiar?.

DRd – Desenvolvimento Regional em debate, v. 15, p. 564-583, 01 jul. 2025. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v15.5663>.

Artigo recebido em: 24/09/2024

Artigo aprovado em: 13/05/2025

Artigo publicado em: 01/07/2025

1 INTRODUÇÃO

O cultivo de commodities agrícolas segue em expansão em escala global, com a soja ocupando a quarta posição em termos de superfície, antecedida por trigo, milho e arroz (FAOSAT, 2024). A área colhida com a oleaginosa alcançou 133,8 milhões de hectares em 2022, com uma expectativa de produção recorde para a safra 2023/24, aproximando-se dos 400 milhões de toneladas (USDA, 2024). Na última década o Brasil se consolidou na liderança global, respondendo por 40% da produção mundial (USDA, 2024). Internamente, Mato Grosso tem se mantido com o principal estado produtor desde o início do século XXI, com Paraná e Rio Grande do Sul disputando a segunda e a terceira posição (CONAB, 2024; IBGE, 2024).

No Brasil, em um século, a soja sai de um cultivo de subsistência familiar, utilizado fundamentalmente para a alimentação do gado leiteiro e dos suínos em pequenas propriedades rurais (Brum, 1985; Conceição, 1986), para se firmar como o principal produto agrícola nacional, respondendo por 19,8% das exportações totais em 2023 (MAPA, 2024). Nesse movimento, a soja ampliou seu território, alcançando 44 milhões de hectares em 2022/23 (CONAB, 2024) e se inseriu em uma lógica econômica cada vez mais dependente da produção em grande escala, do uso de biotecnologias, da conexão com capitais financeiros e da vinculação com novas formas de gestão produtiva (Gras; Hernández, 2013; Wesz Jr., 2014; Oliveir; Hecht, 2016).

Frente a isso, o perfil dos produtores brasileiros de soja sofreu sensível alteração ao longo do tempo. Ainda que o cultivo tenha iniciado entre pequenos agricultores, atualmente se concentra entre médios e, sobretudo, grandes sojicultores. Os produtores de até 50 hectares respondiam por quase dois terços da área e da produção nacional em 1970, todavia, esta participação decaiu para 5,8%, em 2017 (IBGE, 2024). As razões disso estão conectadas com a própria dinâmica produtiva e comercial da atividade, cada vez mais dependente de produtos e serviços externos à unidade de produção (Fernandez, 2007; Setrini *et al.*, 2014; Guibert; Bühler; Requier-Desjardins, 2015). Além disso, por tratar-se de “[...] um cultivo com baixa diferenciação, é fundamental o ganho de escala, a otimização da tecnologia e a negociação de grandes volumes para ampliar a margem do produtor” (Wesz Jr., 2020, p. 157).

Nesse sentido, “[...] o tamanho ótimo para produção de soja está situado em grandes áreas, nas quais, devido aos ganhos de escala, a eficiência no uso dos recursos e a produtividade por unidade de área chegam a seu ponto máximo” (Bazotti; Paula; Mielitz Netto, 2017, p. 122). Isso coloca um conjunto de limitações para a produção de soja em pequena escala (Agarwal; Singh, 2014), o que se reflete em dois processos principais, quando se analisa a participação da agricultura familiar neste cultivo. Por um lado, algumas famílias ampliam suas áreas de produção, geralmente atrelando-a com movimentos de profissionalização e especialização na atividade. Por outro lado, há famílias que acabam interrompendo a produção de soja, dada as dificuldades de manter a viabilidade econômica do cultivo dentro das suas condições socioprodutivas, não raro arrendando ou vendendo suas áreas para terceiros produzirem soja (Wesz Jr., 2020; Abdulrazaq; Muhammad; Audu, 2022; Thies, 2023; Ebeling, 2024).

Apesar dessas duas trajetórias predominantes, este estudo coloca atenção em contextos em que a soja assume outros caminhos na dinâmica produtiva da agricultura familiar. Para tanto, está-se interessado em averiguar casos em que este cultivo tem se mantido como atividade produtiva presente ao longo do tempo, sem necessariamente haver uma dinâmica de concentração/profissionalização ou exclusão/saída da atividade. Nesse contexto, o presente

trabalho buscará responder a seguinte questão: quais razões explicam a permanência da produção de soja em pequena escala como uma das atividades agropecuárias presentes entre unidades de produção familiar?

Assim, o objetivo deste estudo é analisar as dinâmicas e os distintos papéis da produção de soja nas estratégias de reprodução social dos agricultores familiares, olhando de maneira específica para os pequenos sojicultores, que ao longo do tempo permanecem cultivando soja em áreas inferiores a dez hectares. O recorte em estabelecimentos agropecuários de até dez hectares se deve ao fato desse ser o estrato de área que mais teve redução no número de produtores de soja ao longo do tempo no Rio Grande do Sul, como será apresentado adiante.

Além desta introdução, onde se apresenta o contexto, a questão e o objetivo do estudo, o trabalho é composto por outras cinco seções. Inicia-se contextualizando as mudanças na produção de soja no estado do Rio Grande do Sul ao longo do tempo, apresentando-se, na sequência, o espaço estudado e os procedimentos metodológicos. Depois destacam aspectos do cenário da produção de soja em Salvador das Missões e, em seguida, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa de campo, que embasam as considerações finais apresentadas no fechamento do artigo.

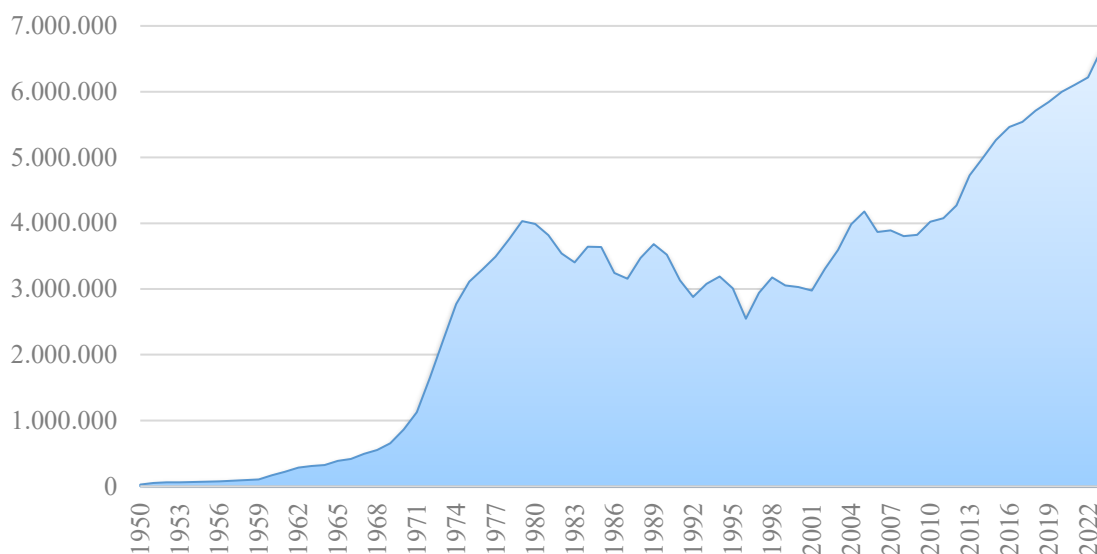
2 O CULTIVO DA SOJA NO RIO GRANDE DO SUL

Ao longo das últimas décadas a soja se consolidou como a principal atividade agropecuária do Rio Grande do Sul (Brum, 1985; Conceição, 1986; Mello e Brum, 2020). Em 2023, segundo o IBGE (2024), o cultivo ocupava 63,2% das terras agrícolas no verão e respondia por 50,0% do valor bruto da produção. Além disso, o complexo soja (grão, farelo e óleo) representava 39,1% das exportações totais do Estado em 2023 (DEE, 2024). Não obstante, ao longo do tempo, a oleaginosa passou por diferentes momentos, podendo ser diferenciadas quatro grandes fases.

A fase inicial, de estabelecimento e “aclimatação”, ocorreu ao longo da primeira metade do século XX, e se conecta com a própria chegada do grão ao Brasil, que aconteceu em 1882, trazida dos Estados Unidos por um professor da Escola de Agronomia da Bahia, que iniciou os primeiros testes de adaptação de cultivares no país. Em 1891 estudos semelhantes foram conduzidos pelo Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas (SP), de onde foram distribuídas as primeiras sementes aos agricultores em 1900. Nesse mesmo período foi registrado o “primeiro cultivo de soja no Rio Grande do Sul, onde a cultura encontrou efetivas condições para se desenvolver e expandir, dadas as semelhanças climáticas com o ecossistema de origem (sul dos EUA)” (Embrapa, 2004, p. 13).

Por cinquenta anos a soja foi usada como forragem para alimentação do gado leiteiro e para a criação de suínos em pequenas propriedades rurais no Rio Grande do Sul. Nesse momento, a produção de soja “[...] era mais empregada para autoconsumo do que propriamente para comercialização” (Conceição, 1986, p. 25). No Censo Agrícola de 1950, quando o grão aparece pela primeira vez, consta Santa Rosa, São Luiz Gonzaga, Três Passos, Santo Ângelo e Ijuí como os principais municípios produtores (IBGE, 2024). Segundo dados da FEE, citados por Conceição (1986), em 1950 a área com soja no estado não alcançava 25 mil hectares (Figura 1).

Figura 1 – Área colhida com soja no Rio Grande do Sul (1950 - 2023)



Fonte: Conceição (1986) e IBGE (2024).

A segunda fase da soja no Rio Grande Sul, marcada pela forte expansão do grão no estado, ocorreu entre 1950 e 1980. Com o estabelecimento do programa oficial de incentivo à triticultura nacional, em meados dos anos 1950, a soja passou a ser incentivada como cultivo de rotação com o trigo, que é plantado no inverno. Segundo a Embrapa (2004), tratava-se da melhor alternativa tanto do ponto de vista técnico (leguminosa sucedendo gramínea) quanto do ponto de vista econômico (melhor aproveitamento da terra, das máquinas e implementos, da infraestrutura e da mão de obra). Além disso, outros fatores condicionaram a expansão da soja, como: aumento do preço internacional; crescente demanda por óleos vegetais em substituição às gorduras animais; surgimento de um sistema cooperativista dinâmico, que apoiou fortemente a produção, industrialização e comercialização das safras; construção de uma rede de pesquisa da soja; melhorias nos sistemas viário, portuário e de comunicações, facilitando o transporte e barateando os custos das exportações; estabelecimento de um importante parque industrial de máquinas, de insumos agrícolas e de processamento de oleaginosas; incentivos fiscais ao cultivo do trigo; aumento da demanda interna, proveniente da crescente urbanização e da mudança nos hábitos alimentares da população brasileira; subsídios à produção e à exportação sob a forma de isenções, créditos e taxas de juros favoráveis (Brum, 1985; Conceição, 1986; Embrapa, 2004).

Nesta segunda fase a soja deixou de ser coadjuvante ao trigo e começou a se estabelecer como um cultivo economicamente importante (Brum, 1985; Conceição, 1986). Conforme a Figura 1, em 1979 foi o primeiro ano em que a oleaginosa alcançou a marca de 4 milhões de hectares cultivadas no estado, marca que só seria alcançada novamente em 2005. Nesse momento a soja estava disseminada em grande parte do centro-norte do Rio Grande do Sul, com os municípios de Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Passo Fundo e Cruz Alta plantando individualmente mais de 120 mil hectares em 1979 (IBGE, 2024).

A terceira fase da soja no Rio Grande do Sul foi marcada por uma maior estabilidade, que perdurou 30 anos (1980 – 2010), quando, na maioria dos anos, a área manteve-se na faixa de três a quatro milhões de hectares (Figura 1). A crise econômica da década de 1980, o câmbio valorizado no início do Plano Real, as severas e recorrentes estiagens, o baixo preço em

determinados momentos, o aumento crescente do custo de produção, entre outras razões, fez com que a soja não ampliasse de maneira substantiva sua superfície, diferentemente do que ocorreu em outras regiões do país, com destaque ao Cerrado (Trennepohl; Paiva, 2011; Wesz Jr., 2014). No Rio Grande do Sul não foram observadas alterações substantivas nesse período. No entanto, uma mudança importante nos últimos anos desta terceira fase diz respeito ao crescimento do rendimento médio, derivado de um conjunto amplo de inovações tecnológicas que foram sendo difundidas e incorporadas pelos produtores (Pellenz; Almeida; Freitas, 2019). De 1998 a 2009, por exemplo, na metade dos anos a produtividade média foi maior que 2.000 kg/ha, sendo que até 1998 essa média não havia sido alcançada em nível estadual (IBGE, 2024).

A quarta fase da soja, que se inicia em 2010 e vai até o momento atual, é marcada por uma nova expansão ininterrupta da área colhida com soja no estado. Com a crescente demanda internacional, com destaque para a China, e com o preço da soja alcançando patamares nunca antes vistos (próximos de R\$ 200,00 a saca no porto de Rio Grande, em 2022), houve um novo impulso para a produção da oleaginosa no estado. De 2010 a 2023 a superfície cultivada cresceu 65,1%, superando pela primeira vez os seis milhões de hectares, em 2021 (Figura 1). A produção, ainda que com decréscimos em alguns anos por problemas climáticos, praticamente dobrou ao se comparar 2010 e 2021, quando ultrapassou a casa das 20 milhões de toneladas. Em termos espaciais, ficam evidentes dois processos correlatos: a intensificação em algumas áreas mais tradicionais, com destaque ao norte do estado, assim como o estabelecimento do cultivo em novas regiões, com destaque à campanha gaúcha (IBGE, 2024). Este último movimento tem como uma de suas marcas a migração de produtores da região centro-norte do estado, com experiência no cultivo do grão, que passam a adquirir terras (via compra ou arrendo) com preços atrativos na região da Campanha (Silva; Anjos, 2020; Moreira; Matte; Conterato, 2023).

Se, por um lado, a produção, a área e o rendimento médio cresceram substantivamente no estado, por outro lado, o número de produtores tem decaído. Se em 1985 haviam praticamente 270 mil estabelecimentos envolvidos com a atividade, este número foi decaindo consecutivamente, chegando a 95.482 unidades produtivas em 2017. Em paralelo, a área média cultivada com soja cresceu de modo ininterrupto, passando de 4,0 para 54,4 hectares entre 1960 e 2017 (Tabela 1). Em suma, os dados dos Censos Agropecuários apresentam um aumento na produção e na área com soja no estado, ainda que cada vez menos produtores se envolvem diretamente com o seu cultivo.

Em relação à estrutura fundiária dos estabelecimentos agropecuários produtores de soja no Rio Grande do Sul, disponível nos Censos Agropecuários de 1970 em diante, percebe-se que neste primeiro ano um terço dos produtores tinham até 10 hectares de área total, um terço detinha de 10 a 20 hectares e um terço acima de 20 hectares. Conforme a Tabela 2, ao longo dos anos foi ganhando espaço os estratos maiores em relação ao número de produtores e, principalmente, em termos de área cultivada. Os estabelecimentos com mais de 100 hectares, que respondiam por 2,1% dos produtores e 29,2% da área em 1970, chegaram a 15,2% e 74,9%, respectivamente, em 2017.

Tabela 1 – Número de produtores, produção, área, rendimento e área média com soja no Rio Grande do Sul (1950 - 2017)

Ano	Número de produtores	Quantidade produzida (t)	Área cultivada (ha)	Rendimento médio (kg)	Área média com soja (ha)
1950	-	44.551	-	-	-
1960	69.909	209.445	280.898	745,6	4,0
1970	216.503	1.295.149	1.600.131	809,4	7,4
1975	269.340	4.419.465	3.195.977	1.382,8	11,9
1980	250.559	5.103.538	3.763.073	1.356,2	15,0
1985	249.103	5.710.859	3.611.032	1.581,5	14,5
1995	142.487	4.253.171	2.246.922	1.892,9	15,8
2006	105.086	7.929.789	3.494.509	2.269,2	33,3
2017	95.482	17.311.971	5.189.633	3.335,9	54,4

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2024).

Tabela 2 – Número de estabelecimentos produtores e superfície cultivada com soja por grupos de área total no Rio Grande do Sul (1970 - 2017)

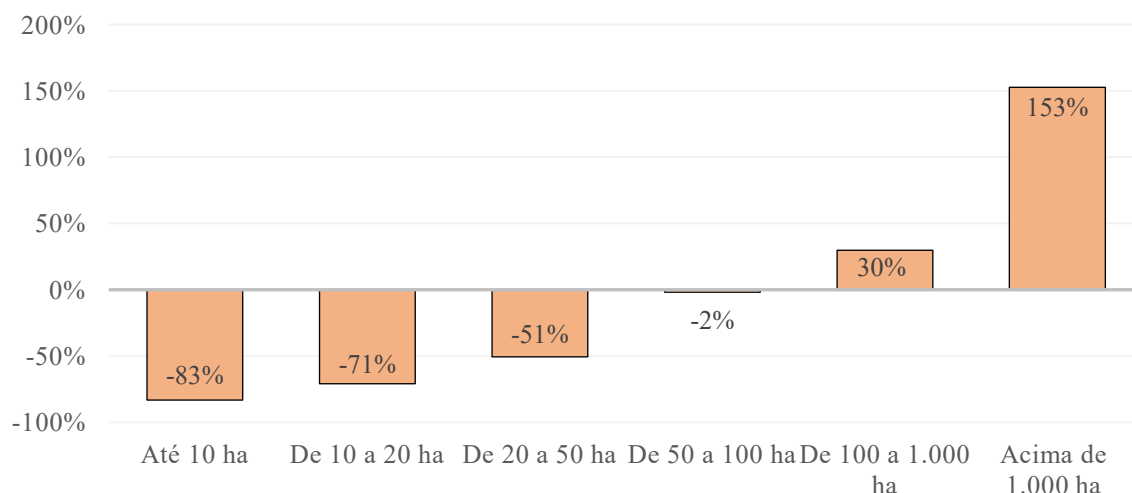
Estratos de área total	Número de estabelecimentos produtores de soja						
	1970	1975	1980	1985	1995	2006	2017
Até 10 ha	33,5%	30,4%	30,4%	33,1%	27,9%	20,0%	14,4%
De 10 a 20 ha	33,8%	32,3%	32,3%	32,3%	33,8%	30,8%	24,5%
De 20 a 50 ha	26,6%	28,2%	27,2%	25,0%	26,5%	30,9%	32,2%
De 50 a 100 ha	4,1%	5,5%	5,7%	5,3%	6,4%	9,2%	13,6%
De 100 a 1.000 ha	2,0%	3,4%	4,2%	4,0%	5,1%	8,4%	13,5%
Acima de 1.000 ha	0,1%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,7%	1,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Área cultivada com soja							
Até 10 ha	11,2%	6,8%	5,9%	6,7%	4,7%	3,5%	1,0%
De 10 a 20 ha	22,0%	15,2%	13,1%	13,9%	11,3%	8,8%	3,5%
De 20 a 50 ha	28,1%	24,7%	22,1%	22,2%	20,2%	16,4%	10,1%
De 50 a 100 ha	9,5%	11,8%	12,1%	12,6%	13,0%	11,1%	10,5%
De 100 a 1.000 ha	25,1%	34,0%	38,2%	36,7%	40,6%	42,2%	44,8%
Acima de 1.000 ha	4,1%	7,5%	8,6%	7,8%	10,2%	18,0%	30,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2024).

Em síntese, tem ocorrido, ao longo dos últimos 50 anos, um processo de concentração da produção de soja nos estabelecimentos agropecuários com maiores áreas, em paralelo à exclusão daqueles agricultores que dispõem de menos terras. As unidades produtivas com menos de 10 hectares, que somavam 82.506 em 1985, descaíram para 13.787 em 2017 (redução de 83,3%), enquanto os produtores com mais de mil hectares cresceram 152,6% no mesmo período (IBGE, 2024). A Figura 2 ilustra este processo, mostrando que a variação positiva no número de produtores de soja ocorreu unicamente com aqueles com mais de 100 hectares entre 1985 e 2017.

Figura 2 – Variação no número de estabelecimentos produtores com soja por grupos de área total no Rio Grande do Sul (1985 - 2017)



Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2024).

Apesar desse contexto de exclusão e concentração, é importante pontuar que não há um desaparecimento dos agricultores que dispõe de menores áreas. Embora não tenham um peso expressivo em termos de área e produção, de cada dez estabelecimentos agropecuários produtores de soja no Rio Grande do Sul em 2017, quatro tinham menos de 20 hectares (Tabela 2). Ou, se quisermos olhar de maneira específica para o peso da agricultura familiar na soja gaúcha, este grupo responde por 79,6% do número de estabelecimentos produtores e por 22% da quantidade produzida, do valor da produção e da área colhida em 2017 (IBGE, 2024).

Cabe destacar que essa quarta fase da produção de soja no Rio Grande do Sul ocorre num cenário global marcado por mudanças bastante expressivas, tanto em relação ao impacto econômico dos eventos climáticos na produção, exportação e no preço da soja (Bento et al., 2020), bem como da crescente importância de movimentos especulativos de fundos de investimentos na formação do preço da soja (Brum et al., 2022), que operam de forma global e afetam diretamente desenvolvimento do conjunto da cadeia produtiva.

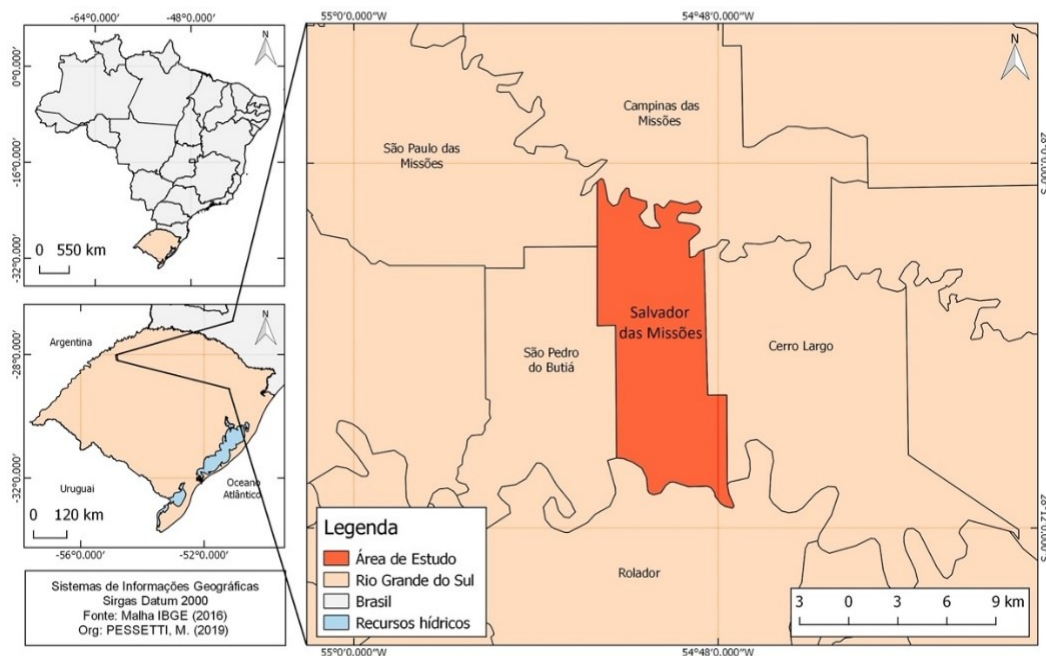
Nesse contexto, considerando o foco do presente estudo, destaca-se o fato de que os produtores de soja em pequena escala foram precursores na difusão da soja no estado, e mesmo com mudanças substantivas em termos climáticos, produtivos e de mercado, tais produtores têm resistido e mantido essa atividade por mais de 100 anos. Eles seguem sendo expressivos em relação ao total de produtores, mesmo com um conjunto de argumentos técnicos-econômicos que indicariam a sua inviabilidade. Estes temas serão retomados e aprofundados adiante a partir do caso específico do município de Salvador das Missões.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi realizada no município de Salvador das Missões, que está localizado na região das Missões do Rio Grande do Sul, distando cerca de 500 km da capital gaúcha, como se observa na Figura 3. Foi emancipado do município de Cerro Largo, no ano de

1992, tendo atualmente população de 2.877 habitantes (IBGE, 2024), com forte presença de descendentes de imigrantes europeus (sobretudo alemães e italianos).

Figura 3 – Localização do município de Salvador das Missões no Estado do Rio Grande do Sul - Brasil



Fonte: Elaboração própria (2020).

A agricultura é um dos pilares da economia do município, sobretudo as cadeias produtivas de grãos (soja, milho e trigo), além da produção de leite e suínos, estando tais atividades amplamente mercantilizadas (Thies, 2020). Predominam os estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar (86,19%), que ocupam 75,16% das áreas rurais e respondem por 75,29% do valor produzido pela agricultura no município (IBGE, 2024). Tal perfil é bastante representativo das dinâmicas produtivas, econômicas e sociais da agricultura familiar do sul do Brasil, o que justifica sua escolha como local para a realização da pesquisa.

Os dados primários, coletados em 2003 e 2018³, foram obtidos junto as mesmas 58 famílias, sendo as informações referentes aos anos agrícolas imediatamente anteriores. A amostra foi do tipo sistemática por comunidade, representando 10% do número de estabelecimentos rurais de cada comunidade rural do município. No primeiro ano do estudo (2003), tais famílias foram selecionadas através de sorteio. No segundo ano do estudo os dados foram coletados com as mesmas famílias. Apesar da pesquisa contemplar 58 famílias, para este artigo foram selecionadas sete delas, que mantiveram o cultivo da soja entre os dois períodos estudados, em área inferior a 10 hectares.

Os dados primários foram obtidos com o uso de questionário estruturado, sendo mantidos os mesmos procedimentos e critérios na obtenção das informações nos dois momentos

³ No primeiro ano a pesquisa foi realizada através de parceria entre pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com apoio financeiro do CNPq. Em 2018 a pesquisa foi realizada em parceria entre pesquisadores da UFRGS e da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – Cerro Largo).

de coleta. Os procedimentos de coleta de dados foram padronizados em manual de pesquisa elaborado especificamente para tal, reaplicando-se, no segundo ano do estudo, o mesmo questionário aplicado no primeiro ano, acrescido de algumas novas questões. O questionário levantou informações sobre as seguintes dimensões: características das famílias, recursos disponíveis, configuração dos sistemas produtivos, custos e valor da produção agropecuária, formação da renda, participação social e acesso a políticas públicas.

Os dados levantados foram organizados e analisados por meio da comparação de painéis (Gil, 2008), utilizando-se sobretudo estatísticas descritivas. Todas as variáveis que mensuraram dimensões econômicas foram calculadas segundo procedimentos recomendados por Lima et al. (1995). Os valores monetários referentes ao primeiro ano da pesquisa (2002) foram atualizados para o ano de 2017, utilizando-se o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ao longo do artigo, destacadamente no item dos resultados, serão apresentadas as variáveis específicas analisadas no trabalho.

Como foram obtidos dados em dois momentos no tempo, trata-se de um estudo longitudinal, baseado na observação diacrônica das transformações. Conforme Ploeg (2008; 2018), a importância deste tipo de estudo reside no fato de permitir a análise dos percursos históricos e das mudanças ao longo do tempo, o que possibilita melhor compreensão da dinâmica dos fenômenos. A pesquisa foi baseada no método comparativo (Marconi e Lakatos, 2010) e classifica-se como qualitativa, quanto à abordagem, como explicativa quanto aos objetivos e como estudo de caso, quanto aos procedimentos (Silveira e Córdova, 2009).

4 O CULTIVO DA SOJA EM SALVADOR DAS MISSÕES

A área total cultivada com soja no município de Salvador das Missões variou entre 4 mil e 5 mil ha nos anos de 1993 a 2005 e, após esse período, tem oscilado em torno de 3.500 hectares, até o ano do último registrado, em 2023 (IBGE, 2024). Tal redução decorre, sobretudo, da intensificação da atividade leiteira (Thies, Schneider e Matte, 2023), que gerou a ampliação da presença de pastagens, que passaram a ocupar 21,03% das áreas do município em 2017, ante 14,02%, em 1996 (IBGE, 2024).

Já as transformações no perfil fundiário dos estabelecimentos produtores da soja do município segue tendências similares as observadas para o conjunto do estado do Rio Grande do Sul. Observa-se, entre os anos de 1995 e 2017, a redução da participação relativa dos estabelecimentos com até 10 hectares, tanto no número total de estabelecimentos com tal cultivo (passa de 27,4% para 11,5%), como na área cultivada (passa de 12,3% para 3,0%), em paralelo ao aumento da participação dos estabelecimentos com mais de 50 hectares no número de estabelecimentos (passa de 1,6% para 17,3%) e na área cultivada (passa de 7,0% para 47,6%) (IBGE, 2024).

As mudanças gerais no perfil da produção da soja entre os agricultores estudados foram apresentadas em Thies (2023), onde se evidenciou o processo de sojicização e desojicização da agricultura familiar em Salvador das Missões. A sojicização ocorreu entre as famílias que ampliaram a área total de terras disponível, bem como a área média cultivada com soja. Tais famílias aderem ativamente ao modelo produtivo dos impérios alimentares e a forma empresarial de agricultura (Ploeg, 2008), com a intensificação da mercantilização dos processos produtivos, bem como ampliação da escala produtiva e a obtenção de incrementos na

produtividade média desse cultivo, ainda que a soja represente menos de metade do valor da produção, o que demonstra sua complementariedade com outras atividades produtivas. O processo de sojicização desse grupo minoritário de agricultores familiares associa-se a concentração da terra, do capital e do valor da produção, o que possibilita a esse grupo a obtenção de renda média per capita superior as famílias não sojicultoras. Por outro lado, o processo de desojicização ocorre entre a maioria das famílias, que descontinuam integralmente o cultivo da soja, envolvendo, sobretudo, as menos capitalizadas e com menores áreas de terras.

Conforme Thies (2023), a ampliação do cultivo de soja impulsiona um processo de homogeneização das paisagens rurais, ao mesmo tempo em que promove a diferenciação e a desigualdade entre agricultores familiares, combinado a concentração dos fatores de produção com a exclusão produtiva. Tal autor caracteriza as distintas trajetórias familiares em relação ao cultivo da soja em Salvador das Missões, em que se sobressaem duas trajetórias principais, sendo uma formada por famílias em que ocorre a desativação da produção da soja (desojicização) e outra em que ocorre o aumento expressivo da área cultivada (sojicização).

Todavia, pode-se destacar uma terceira trajetória, que é formada por famílias que mantêm ao longo do tempo a produção da soja em pequenas áreas, que possuem escassa disponibilidade de capital e são fortemente dependentes de prestadores de serviços. Como destacado na Introdução, o foco da análise do presente artigo recai exclusivamente sobre esse último grupo, doravante denominados pequenos sojicultores, em que foi observada a continuidade da produção da soja em áreas inferiores a dez hectares nos dois anos pesquisados.

5 A PRODUÇÃO DE SOJA EM PEQUENA ESCALA NA AGRICULTURA FAMILIAR

A produção de grãos, sobretudo a soja, “[...] é intensiva em terra (para obter escala) e capital (para custear a tecnologia), e menos em mão de obra (pelo papel crescente das máquinas), ou seja, justamente o contrário do que geralmente dispõem os produtores com menores áreas” (Wesz Jr., 2020, p. 169). Não obstante, a produção do grão em pequena escala segue presente em diferentes territórios. No Brasil, os dados do Censo Agropecuário de 2017 apontam que 13,1% dos estabelecimentos produtores de soja tinham menos de 10 hectares (IBGE, 2024), o que também foi mostrado no Censo Nacional Agropecuário do Paraguai de 2022, onde 24,2% dos sojicultores também estão neste estrato (MAG, 2024). Mas essa situação extrapola a América do Sul. Em países onde a área dos agricultores geralmente é mais limitada, a superfície disponível para a soja também é menor. Na China a área média com o grão é inferior a 1,0 hectare (NBS, 2024), enquanto na Índia 37,8% dos agricultores de soja tem menos de 2 hectares (ACD, 2020), valor muito próximo para o caso moçambicano, onde aproximadamente 40% dos produtores estão neste mesmo extrato (Janeque, Costa e Santana, 2020).

Descendo a escala de análise para as sete famílias que compõe o grupo de pequenos sojicultores pesquisados em Salvador das Missões, eles cultivavam, em média, 4,05 hectares de soja em 2002 e 4,79 hectares em 2017, sendo de dois hectares a menor e de 8,5 hectares a maior área cultivada com soja no segundo ano da pesquisa. Em que pese o tamanho médio das áreas cultivadas com soja não ter variado de modo expressivo, entre os pequenos sojicultores, tal

cultivo ampliou sua participação relativa na Superfície Agrícola Útil (SAU)⁴ total do conjunto desse grupo, tendo passado de 23,73% para 46,33%. Esta elevação relativa decorreu do aumento da área total cultivada com soja (de 20,25 para 33,5 hectares) combinada com a redução da SAU total do conjunto das famílias, que passou de 85,33 para 72,30 hectares.

A questão fundiária afeta esse grupo no seu conjunto, pois todas as famílias possuem, nos dois anos em análise, áreas próprias inferiores ao módulo fiscal do município, que é de 20 hectares. Frente a essa fragilidade, quatro famílias recorrem ao uso de terra de terceiros para ampliar a superfície disponível, sendo que, aproximadamente, 30% das áreas utilizadas por estas famílias, nos dois anos da pesquisa, não são próprias. Este é um elemento interessante porque indica que, inclusive para os casos analisados, ocorre a busca por áreas complementares para viabilizar o cultivo do grão. Seja pelo fato de não dispor de área suficiente ou pela superfície própria não ser viável para a atividade agrícola mecanizada, arrendam-se outras áreas. Nesse sentido, essa prática não é exclusiva dos produtores maiores e mais capitalizados, estando também presente entre pequenos sojicultores.

Na Tabela 3 pode-se observar as variações no capital disponível e no valor financiado por cada família nos dois anos do estudo. Em relação ao capital, observam-se trajetórias divergentes, dado que parte das famílias se descapitalizam e outra parte aumenta expressivamente seu capital. Nesse segundo caso destacam-se as Famílias 2 e 6, que investem na produção intensiva de leite e na prestação de serviços agrícolas de ensilamento, sendo que essas atividades demandam equipamentos específicos e elevados investimentos, que foram supridos através da obtenção de empréstimos junto ao sistema financeiro. Entre as demais famílias prevalece um movimento de redução no uso de financiamento bancário e do capital disponível, o que é compensado pela ampliação no pagamento de serviços de máquinas de terceiros para o desenvolvimento de suas atividades, que triplicou no período estudado.

Tabela 3 – Capital⁵ e valor financiado das famílias pesquisadas em Salvador das Missões - RS (2002 e 2017)

Famílias	Capital (R\$)		Valor financiado (R\$)	
	2002	2017	2002	2017
Família 1	21.582,95	4.447,74	1.942,11	0,00
Família 2	68.333,84	719.014,66	27.744,43	300.000,00
Família 3	6.307,97	23.655,42	5.715,35	4.500,00
Família 4	34.008,04	14.545,03	0,00	3.500,00
Família 5	18.962,40	7.980,98	1.942,11	0,00
Família 6	65.253,01	143.972,17	3.606,78	223.000,00
Família 7	27.869,28	1.627,09	0,00	0,00

Fonte: Pesquisa de campo (2003 e 2018).

Os sistemas produtivos dessas famílias mostraram-se bastante diversos, estando a produção de soja combinada especialmente com a produção para autoconsumo⁶ e, secundariamente, com a produção de milho e a atividade leiteira. Destaca-se a manutenção de hortas e pomares por todas as famílias do grupo, destinadas exclusivamente ao consumo

⁴ A SAU é a área utilizada com os cultivos ou pelas criações, ou seja, é a parte da área total que é efetivamente usada pelos sistemas produtivos, medida em hectares.

⁵ O capital refere-se, especificamente, ao valor total investido por cada família em benfeitorias, máquinas e equipamentos agrícolas. Ele foi calculado considerando-se o valor atual destes itens de acordo com metodologia delineada por Lima et al. (1995).

⁶ A produção para autoconsumo define-se como a parcela da produção que é produzida pelas famílias e que é destinada ao consumo da própria família, incluindo todos os produtos de origem animal e vegetal, na forma in natura, ou processados (Grisa, 2007).

familiar. A maioria das famílias manteve a agroindustrialização de produtos caseiros, a criação de suínos e galinhas, a produção de carne e ovos, todos em pequena escala e destinados especificamente ao consumo familiar. Nesse sentido, a produção de soja, destinado exclusivamente para o mercado, convive com outras atividades produtivas, tanto aquelas com foco comercial como aquelas centradas no auto abastecimento do grupo doméstico. Os dados de campo mostram que a soja compõe um mosaico de múltiplas e interconectadas atividades produtivas, um traço bastante característico da agricultura familiar, que é ainda mais expressivo entre aquelas unidades que dispõem de menores áreas de terra (Ploeg, 2008; Schneider, 2010).

Em termos monetários observou-se pequena elevação no valor do Produto Bruto⁷ total dessas famílias, tendo passado de, aproximadamente, R\$ 558 mil para R\$ 574 mil. A produção de soja ampliou sua contribuição na composição desse valor, passando de 10,78% para 19,72% entre os anos da pesquisa. Mesmo com esse crescimento, percebe-se uma participação modesta, confirmando sua continuidade mesmo sem assumir maior protagonismo econômico ao longo do tempo.

Já o valor da produção destinada ao autoconsumo variou de R\$ 39 mil para R\$ 75 mil, o que aponta para certa intensificação e priorização da produção para a alimentação do próprio grupo familiar. A produção para autoconsumo foi mantida por todas as famílias nos dois anos da pesquisa. Ou seja, nos casos estudados, a manutenção da produção de soja em pequena escala não antagonizou com a produção de alimentos para o consumo familiar, dado que o valor da produção mensal per capita para autoconsumo aumentou, como pode-se observar na Tabela 4.

Enquanto o cultivo da soja geralmente é visto como um movimento contínuo e generalizante, que vai expulsando as atividades já existentes, como as próprias imagens de satélite mostram, sobretudo nas áreas do Cerrado e da Amazônia (MAPBIOMAS, 2024), nos casos em estudo há uma dinâmica distinta. O que se percebe é a permanência da soja em paralelo a outras atividades, inclusive aquelas com foco não-comercial. Nesse sentido, é importante chamar atenção para essas diferentes nuances e situações, seja pela oleaginosa seguir em quase 20 anos ocupando um valor relativamente limitado na composição do Produto Bruto (19,72%), seja pelo aumento da produção para o autoconsumo nas mesmas unidades de produção. Nesse sentido, entre as sete famílias estudadas, a soja não promove, necessariamente, um processo de especialização ou de descampenização. Ao contrário, ela é parte integrante de um conjunto de estratégias econômico-produtivas das famílias.

O processo de envelhecimento e redução das famílias rurais tem sido destacado por diferentes autores, com importantes implicações para a disponibilidade de mão de obra (Spanevello *et al.*, 2017; Thies, 2021). No caso das famílias estudadas não se observou tal fenômeno, pois, em que pese a redução do tamanho e elevação da idade média, elas aumentam a disponibilidade de força de trabalho familiar, que passa de 2,58 para 2,83 UTHs⁸/família.

⁷ O Produto Bruto (PB) representa a produção gerada no sistema (para venda e autoconsumo) durante um ano agrícola, obtida pela conversão da produção agropecuária vegetal, animal e da transformação caseira em valores monetários. O cálculo para a sua obtenção é feito através da multiplicação das quantidades produzidas por seus preços unitários de venda e se expressa em reais (R\$).

⁸ Uma Unidade de Trabalho Humana (UTH) equivale a 300 dias de trabalho de oito horas. Foi a variável utilizada para medir a quantidade disponível de trabalho de cada família. Ela é calculada considerando-se a idade e o tempo dedicado às atividades produtivas. Quanto à idade, considerou-se: 1,0 UTH (em caso de idade de 18 a 59 anos); 0,75 UTH (em caso de idade de 14 a 17 anos, ou mais de 60 anos); 0,5 UTH (em caso de

Trata-se de famílias com perfil mais jovem no primeiro ano do estudo e que, ao passar dos anos e em consequência disso, incorporam a força de trabalho familiar a essa mão de obra juvenil.

O que se observa entre os pequenos sojicultores é uma alteração na prioridade de alocação da força de trabalho familiar ao longo do tempo, como se observa na Tabela 4, que reflete uma estratégia de reprodução social em que ganha espaço a alocação de trabalho familiar em atividades não agrícolas, em detrimento do trabalho agrícola na unidade de produção familiar. Esse fenômeno, que a literatura tem chamado de pluriatividade (Silva, 1999; Schneider, 2003), tem elevado a renda média domiciliar, especialmente entre “[...] aqueles segmentos mais desestruturados (descapitalizados, com dificuldade de integração aos circuitos mercantis e produtivos, com pouco acesso a inovações tecnológicas etc.)” (Nascimento, Aquino e Delgrossi, 2021, p. 2). O que explica o fato dos pequenos sojicultores manterem essa atividade e ao mesmo tempo intensificar a pluriatividade, sem grandes implicações para as demais atividades e ocupações que exercem, é o fato do cultivo da soja, no período estudado, ser totalmente mecanizado. Assim, a sojicultura da atualidade demanda pouco tempo de trabalho dedicado ao plantio, manejo e colheita (o qual, muitas vezes, é terceirizado), além de contar com farta rede de serviços e oferta de insumos, além de ser facilmente comercializado.

Tal processo resulta na reconfiguração da composição da renda total dessas famílias ao longo do tempo. No primeiro ano da pesquisa, ela era composta especialmente por renda agrícola, no caso de quatro famílias e para outras três ela provinha, sobretudo, de atividades não agrícolas. Apenas uma família auferia renda de aposentadoria, sendo ela bastante secundária na composição da renda total. No segundo ano do estudo observa-se maior diversificação das fontes de renda, com a ampliação da renda de aposentadoria, que passa a ser auferida por quatro famílias, representando 15,81% da renda total do grupo. Já a renda agrícola passa de 74,58% para 39,7% e a renda não agrícola, que passa de 19,31% para 30,16%. Em termos agregados, a renda per capita média das famílias elevou-se no período estudado, como se observa na Tabela 4, demarcando um período de expressiva elevação na renda desse grupo, exceto no caso de uma família, em que houve redução da renda per capita.

Tabela 4 – Aspectos da produção, renda e demografia dos pequenos sojicultores em 2002 e 2017, Salvador das Missões – RS.

Variáveis	2002	2017
Valor da produção per capita mensal para autoconsumo (R\$)	108,36	271,11
Tamanho das famílias (número médio de pessoas por família)	4,29	3,29
Idade média dos integrantes das famílias (anos)	27,87	43,81
UTH familiar em atividade agrícola na unidade produção familiar (%)	85,77	57,74
UTH familiar em atividades não agrícolas (%)	15,23	35,40
Renda per capita mensal (salários mínimos)	0,77	1,75

Fonte: Pesquisa de campo (2003 e 2018).

O processo de mecanização das atividades agrícolas, as alterações demográficas e o ciclo crescente dos preços desse produto são apontados na literatura como elementos que ajudam compreender as mudanças evidenciadas na Tabela 4 (Thies, 2021; Wesz Jr., 2022). Em relação à soja, de maneira específica, entre as razões que tem levado a manutenção do cultivo entre os pequenos sojicultores, aparecem diferentes elementos nos relatos das famílias pesquisadas, como a importância na rotação com outros cultivos, sobretudo o milho safrinha; aproveitamento de máquinas e equipamentos que a família já dispõe ou a facilidade para

idade de 7 a 13 anos); nos casos em que algum membro da família estudava um turno, contabilizou-se somente 50% desse valor.

contratação de serviços terceirizados (para plantio, manejo e colheita); disponibilidade de crédito rural público, via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que vem acoplado ao seguro rural, dando maior segurança à atividade em contextos de crise climática; baixa demanda por trabalho manual/braçal e pouco tempo dedicado ao manejo do cultivo; facilidade de comercialização do grão, inclusive com venda antecipada. Além disso, pode-se destacar entre as famílias estudadas a maior disposição em correr riscos em busca de maior rentabilidade, dado que são famílias mais jovens e que optam por não arrendar suas terras para terceiros, que é uma estratégia intensamente utilizada por famílias mais idosas. Trata-se de um conjunto de elementos, que já haviam sido tocados em outros estudos (Villalba e Wesz Jr., 2016; Bazotti, 2016; Desconsi, 2017; Abdulrazaq; Muhammad; Audu, 2022; Thies, 2023), e que ajudam explicar a presença do cultivo de soja em pequenas áreas em diferentes países, como citado anteriormente.

Quando indagados sobre o que deveria ser feito para melhorar sua qualidade de vida, nos dois anos da pesquisa, o aspecto mais recorrentemente mencionado foi a melhoria dos preços recebidos pelos produtos agrícolas. Além disso, apontam como avanço no período de 2002 a 2017 a melhora na tecnologia, a facilidade para obter financiamentos e o aumento na produtividade. Nesse sentido, a soja tem acompanhando essas demandas e, pode-se dizer, respondido bem a essas expectativas. Em relação ao preço, por exemplo, houve um crescimento de 177,2% entre janeiro de 2002 e janeiro de 2017 (IPEADATA, 2024). Em termos tecnológicos, anualmente são lançadas novas variedades de sementes com maior potencial produtivo, defensivos e fertilizantes mais específicos e potentes, máquinas com maior capacidade e eficiência, etc. (Agarwal; Singh, 2014; Niederle e Wesz Jr., 2020). No que tange ao crédito rural do Pronaf, a soja passou de 20,6% para 40,5% do volume total de recursos aplicados na modalidade de custeio agrícola (BACEN, 2024). Já a produtividade média nacional do grão passou de 2.567 para 3.507 kg/ha no mesmo período (CONAB, 2024).

Enquanto essas percepções acerca dos elementos centrais para melhorar sua qualidade de vida seguirem vigentes entre as famílias, é provável que a soja se mantenha como um dos cultivos presentes em suas unidades de produção, ainda que sem ocupar o posto principal ou mais relevante economicamente, mas como parte de uma complexa e interconectada engrenagem socioprodutiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou as dinâmicas e os distintos papéis da produção de soja nas estratégias de reprodução social dos agricultores familiares, olhando de maneira específica para os pequenos sojicultores, que ao longo do tempo permanecem cultivando soja em áreas inferiores a dez hectares. Trata-se de um estudo exploratório, a partir de alguns casos específicos, mas que encontra similaridade com a dinâmica de muitas famílias agricultoras que seguem desenvolvendo essa atividade produtiva no sul do Brasil. Por ocuparem superfícies menores e estarem mescladas com várias outras atividades e fontes de renda, acabam ficando invisibilizadas em muitas pesquisas.

Os resultados deste estudo não negam os movimentos de expansão e concentração da soja, nem as dinâmicas de intensificação ou exclusão desta atividade entre os agricultores familiares. O que o trabalho demonstrou foram outras dinâmicas e contornos socioprodutivos

da produção de soja entre agricultores familiares. Portanto, evidencia-se que, apesar da reduzida área cultivada com soja, tal atividade integra um conjunto de diferentes estratégias de reprodução social dos agricultores familiares, que foi exitosa em termos econômicos, pois contribuiu, no período estudado, com a ampliação da renda média familiar. Os pequenos sojicultores integram tal cultivo em um mosaico diverso de atividades, que vai desde a manutenção da produção diversificada para autoconsumo, até o desenvolvimento de atividades não agrícolas fora da unidade familiar de produção.

Tal composição é viabilizada pelo elevado grau de mecanização da sojicultura, que é poupadora de mão de obra familiar e, ao mesmo tempo, possibilita que as famílias cultivem soja sem precisar imobilizar expressivos volumes de capital em máquinas e equipamentos. Isso é factível em função da existência de ampla rede de oferta de serviços agropecuários, o que permite a realização do conjunto de operações agrícolas necessárias ao cultivo de soja através da contratação de serviços de terceiros, o que torna possível tal atividade em pequena escala.

Portanto, o estudo permite concluir que, os vetores que geralmente são atrelados a especialização da produção de soja nas unidades de produção agropecuárias e estão associados a exclusão produtiva de agricultores familiares, como a mecanização e a terceirização, nesses casos também contribuem para a continuidade da produção de soja em pequena escala. Assim, tais agricultores compõem suas estratégias de reprodução social incorporando o cultivo de soja em sistemas produtivos diversificados, de modo combinado com um amplo leque de outras atividades e fontes de ingresso.

Para pesquisas futuras, propõe-se aprofundar essa relação entre produção de *commodities* em pequena escala, para além da soja, e o seu papel nas estratégias de reprodução social dos agricultores familiares. Além de ampliar a análise para um número maior de produtores, um olhar sobre essa situação em outras regiões do país possibilitaria a incorporação de novos elementos e perspectivas ao debate. Nesse sentido, estudos comparativos com países nos quais a produção de *commodities* agropecuárias ocorre predominantemente em pequena escala, em contraste com a realidade brasileira, poderiam revelar tanto similaridades quanto nuances e especificidades relevantes à compreensão do fenômeno.

REFERÊNCIAS

ABDULRAZAQ, A. S.; OHUNENE, K.; AUDU, Z. O. Analyses of risk coping strategies among small scale soybean farmers in Kaduna state, Nigeria. **African Scholar Journal of Biotechnology and Agricultural Research**, v. 26, n. 1, p. 231-250, 2022.

ACD. **All India Report on Agriculture Census 2015-16**. 2020. Disponível em: https://agcensus.da.gov.in/document/agcen1516/ac_1516_report_final-220221.pdf Acesso em: 02 abril 2024.

AGARWAL, P. K.; SINGH, O. P. An economic analysis of soybean cultivation in Narsinghpur district of Madhya Pradesh, India. **Indian Journal of Agricultural Research**, v. 48, n. 3, p. 185-191, 2014.

BAZOTTI, A. **Estratégias e racionalidades dos sojicultores familiares do Sudoeste Paranaense**. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BAZOTTI, A.; PAULA, N. M.; MIELITZ NETTO, C. Soja: mercantilização e externalização no sudoeste paranaense. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 14, n. 3, p. 122-141, 2017.

BENTO, J. A. N. *et al.* Impacto do El Niño oscilação sul (ENOS) e da El Niña no mercado da soja brasileira. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 10, p. 1326–1350, 2020. Doi: [10.24302/drd.v10i0.3151](https://doi.org/10.24302/drd.v10i0.3151).

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Ijuí: Ed. Unijui, 1985.

BRUM, A. L. *et al.* Influência dos fundos de investimentos na formação do preço da soja na Bolsa de Cereais de Chicago. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, p. 1–23, 2022. Doi: [10.24302/drd.v12.3260](https://doi.org/10.24302/drd.v12.3260).

CONAB. **Séries históricas das safras**. 2024. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras/itemlist/category/911-soja> Acesso em: 04 abril 2024.

CONCEIÇÃO, O. A. **A expansão da soja no Rio Grande do Sul 1950-1975**. Porto Alegre: FEE, 1986.

DEE. Agronegócio. 2024. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/agronegocio> Acesso em: 04 abril 2024.

DESCONSI, C. **O controle da lavoura: a construção de relações sociais e a produção de soja entre assentados do meio norte de Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

EBELING, P. H. B. **Produção familiar de leite e a expansão do cultivo da soja em Rondônia: uma análise a partir do município de Machadinho do Oeste**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

EMBRAPA. **Tecnologias para a produção de soja**. 2004. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/54294/1/Sistemas-de-Producao-6.pdf> Acesso em: 10 abril 2024.

FAOSTAT. **Data**. 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/es/#data> Acesso em: 10 abril 2024.

FERNÁNDEZ, A. J. C. **Do Cerrado à Amazônia: as estruturas sociais da economia da soja em Mato Grosso**. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GRAS, C.; HERNÁNDEZ, V. Los pilares del modelo agribusiness y sus estilos empresariales. In: Gras, C. e Hernández, V. (ed.) **El agro como negócio: producción, sociedad y territorios en la globalización**. Buenos Aires: Biblios, 2013, p. 17-48.

GRISA, C. **A produção “pro gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GUIBERT, M.; BÜHLER, È. A.; REQUIER-DESJARDINS, D. Les formes d’organisation entrepreneuriale de la production agricole en Amérique latine. **Géographie Economie Société**, v. 17, n. 4, p. 383-386, 2015.

IBGE. **Banco de dados agregados**. 2024. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>
Acesso em: 20 agosto 2024.

IPEADATA. **Base de dados**. 2024. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>
Acesso em: 10 abril 2024.

JANEQUE, R. A.; COSTA, N. L.; SANTANA, A. C. de. Cultivo de soja no continente africano: evidências contemporâneas baseadas em produtores moçambicanos. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, p. e217894, 2020.

LIMA, A. J. P. *et al.* **Administração da Unidade de Produção Familiar**: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995.

MAG. **Censo Nacional Agropecuario de Paraguay**. 2024. Disponível em:
<https://portal.gis.mag.gov.py/arcgis/apps/sites/#/geoportal/pages/datos-tabulados> Acesso em:
10 abril 2024.

MAPA. **Agrostat**. 2024. Disponível em:
<https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html> Acesso em: 10 abril 2024.

MAPBIOMAS. **Cobertura e uso do solo**. 2024. Disponível em:
<https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/> Acesso em: 21 abr. 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELLO, E. S.; BRUM, A. L. A cadeia produtiva da soja e alguns reflexos no desenvolvimento regional do Rio Grande Do Sul. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 74734-74750, 2020.

MOREIRA, J. G.; MATTE, A.; CONTERATO, M. A. Avanço da soja e estratégias de adaptação da pecuária de corte no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 19, n. 1, p. 504-526, 2023.

NASCIMENTO, C. A.; AQUINO, J. R.; DELGROSSI, M. E. Tendências recentes da agricultura familiar no Brasil e o paradoxo da pluriatividade. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, p. e240128, 2021.

NBS. **China's Third National Agricultural Census**. 2024. Disponível em: <https://www.stats.gov.cn/english/Statisticaldata/> Acesso em: 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, G.; HECHT, S. Sacred groves, sacrifice zones and soy production: globalization, intensification and neo-nature in South America. **The Journal of Peasant Studies**, n. 43, v. 2, p. 251-285. 2016.

PELLENZ, J. D. L.; ALMEIDA, M.; FREITAS, C. A. Distribuição espacial do valor da produção da soja no Rio Grande do Sul: distintos retratos de 2000 a 2010. **Geosul**, n. 34, v. 71, p. 86-110, 2019.

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, J. D. V. Differentiation: old controversies, new insights. **The Journal of Peasant Studies**, v. 45, n. 3, p. 489-524, 2018.

SCHNEIDER, S. **Pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **Ruris**, v. 4, n. 1, 85-131, 2010.

SETRINI, G. *et al.* **Cadenas de valor y pequeña producción agrícola en el Paraguay**. Asunción: CADEP, 2014.

SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/IE, 1999.

SILVA, M. N.; ANJOS, F. S.. A expansão da soja no município de Jaguarão/RS: análise das percepções através da abordagem narrativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, n. 58, v. 3, e213748, 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SPANEVELLO, R. M. *et al.* A problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 348-372, 2017.

THIES, V. F. **Desagrarização e concentração produtiva: análise longitudinal das trajetórias da agricultura familiar nas Missões do RS**. 2020. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

THIES, V. F. Ser ou não ser? uma análise diacrônica da relação entre agricultura familiar e produção de soja. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 18, n. 50, p. 78–104, 2023.

THIES, V. F. Transformações demográficas e nas estratégias de trabalho: uma abordagem longitudinal da agricultura familiar em Salvador das Missões–Rio Grande do Sul. **Redes**, v. 26, 1-19, 2021.

THIES, V. F.; SCHNEIDER, E. P.; MATTE, A. Trajetórias familiares na pecuária leiteira no Sul do Brasil: entre a especialização e o fim da atividade. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, n. 61, v. 4, e265911, 2023.

TRENNEPOHL, D.; PAIVA, C. Á. N. A importância da sojicultura para o desenvolvimento da região noroeste do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, 31, 741-778, 2011.

USDA. **Commodities and products**. 2024. Disponível em: <https://fas.usda.gov/data/commodities> Acesso em: 22 abr. 2024.

VILLALBA, N. F.; WESZ Jr., V. J. El cultivo de la soja en la agricultura familiar campesina de Yhú. **Revicso – Revista de Investigación en Ciencias Sociales**, v. 2, n. 4, p. 1-23, 2015.

WESZ Jr., V. J. A rentabilidade dos produtores de soja no Paraguai: concentração e exclusão. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 28, n. 1, p. 156-179, 2020.

WESZ Jr., V. J. **O mercado da soja e as relações de troca entre produtores rurais e empresas no Sudeste de Mato Grosso (Brasil)**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, CPDA, Rio de Janeiro, 2014.

WESZ Jr., V. J. Soybean production in Paraguay: Agribusiness, economic change and agrarian transformations. **Journal of Agrarian Change**, v. 22, n. 2, p. 317-340, 2022.